

# Escola do futuro: uma receita

PATRÍCIA LINS E SILVA

Não há respostas prontas quando se trata da questão do formato de uma nova escola para o futuro. Todo mundo tem uma concepção própria sobre esse modelo. O que proponho nessa intervenção é a análise da nossa atual realidade e como imaginamos que se apresentará o mundo num horizonte próximo, a partir das opiniões de alguns pensadores. Parece-me certo, porém, que as mudanças se processam cada vez mais rapidamente, e não sabemos até quando daremos conta dessa realidade com os parâmetros antigos.

Nos últimos 35 anos do século XX, foram produzidos 80% do conhecimento científico e tecnológico da humanidade. As constantes revoluções científicas e mudanças de paradigma romperam com as visões habituais a respeito das referências fundamentais de nossa época. O conjunto de teorias, crenças e valores compartilhados pela comunidade científica (paradigmas) é periodicamente abalado por novas proposições que estabelecem rupturas no consenso vigente, gerando uma revolução epistemológica.

O mal-estar que se vivencia no mundo e, de maneira especial, na escola é, essencialmente, uma crise de paradigma. Como aceitar a perda das referências tradicionais e a incorporação de uma nova visão de mundo? A ciência e a tecnologia se desenvolvem mutuamente com tal velocidade que o limite das possibilidades de invenção do ser humano parece não ser esgotado.

A respeito do acelerado processo de progressão da tecnologia digital muitos pesquisadores têm feito projeções quanto aos rumos dessa ruptura para o conhecimento humano. Eu citaria cientistas como Ray Kurzweil (ciência da computação), Eric Drexler (nanotecnologia) e Vernon Vinge (conceito de “singularidade”) na qualidade de inovadores dos estudos acerca do futuro tecnológico e suas consequências para o mundo. Uma das muitas previsões desses estudiosos é a de que daqui a 20 anos o computador terá inteligência humana (inteligência artificial), superior à natural.

O conceito de vida virtual fora elaborado há alguns anos com a noção de second life, uma espécie de jogo em que as pessoas “viviam” personalidades paralelas. Atualmente, a concepção de “singularidade” entende que a realidade se transformará em algo tão diferente da atual, que será impossível prever sua forma. Estamos diante de um fenômeno que representa mais do que uma lacuna geracional, na medida em que as crianças crescem imersas em tecnologias digitais.

Eles são os chamados “nativos digitais” e os adultos da era pré-digital, os “imigrantes digitais” – tal evento certamente implica mudanças da forma como se fará o aprendizado, pois a escola também é uma “imigrante digital”.

A escola evolui muito lentamente em comparação à velocidade com que a geração digital obtém informação por todos os meios. Esses jovens têm acesso imediato ao conheci-

mento de forma randômica, paralela e autônoma, navegando em meio a uma grande quantidade de dados – apresentam ligações cerebrais específicas e estabelecem uma nova interpretação da realidade (visão de mundo). Trata-se de uma situação diferente de tudo o que conhecemos, e cabe aos educadores entender e aceitar esse novo universo, até mesmo para sobreviver aos constantes desafios.

Como usei a metáfora da receita para a definição da escola do futuro, considero, então, que dois ingredientes sejam fundamentais: aceitar as mudanças no mundo da educação e ousar criar um novo paradigma para a formação das novas gerações. Com relação ao primeiro ponto, percebemos a perda do monopólio da escola para a legitimação dos conhecimentos, que passam a ser acessados fora da instituição de ensino a qualquer hora e em qualquer lugar. Quanto ao segundo ponto, parece-me indispensável deixar de lado a cultura do “enciclopédismo” e valorizar o pensamento inovador (a noção do “aprender fazendo”).

Quais conhecimentos serão necessários aos jovens para o futuro? Não creio que sejam os ensinados atualmente. Há uma série de novos temas a despertar a preocupação da atual geração: a falta de alimentos; as fontes de energia; o aquecimento global; a manipulação genética; a nanotecnologia; a escassez da água; a sustentabilidade, etc. Todas essas questões devem estar permeadas de uma proposta ética que nos permita enfrentar tais desafios.

As competências educacionais necessárias para o século XXI incluem alguns pontos específicos: a alfabetização científica, no sentido de identificar e resolver problemas; formar consciência sobre a importância da sustentabilidade; desenvolver mentalidade planetária; valorizar o pensamento divergente; incorporar ao plano pedagógico o pensamento conectado; empregar



**A ESCOLA EVOLUI MUITO LENTAMENTE EM COMPARAÇÃO À VELOCIDADE COM QUE A GERAÇÃO DIGITAL OBTÉM INFORMAÇÃO POR TODOS OS MEIOS**

amplamente as tecnologias no ensino; e fundamentar a formação das novas gerações com princípios éticos adequados.

No que diz respeito aos conteúdos pedagógicos da nova escola, creio que sejam muito amplos e precisam ser contextualizados: os problemas da vida real, o raciocínio lógico, a linguagem matemática, as tecnologias, a ética, etc. O eixo do pensamento humano foi construído com base na lógica e na matemática, então precisamos aprender a pensar, o que é muito diferente de decorar conteúdos – para estabele-

cer a relação entre os diversos conhecimentos é necessário ter essa habilidade bem estruturada.

Quanto à questão da metodologia, há várias vertentes interessantes que podem ser satisfatórias: a concepção pedagógica calcada na resolução de problemas, conhecida como Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem Based Learning, em inglês); a perspectiva transdisciplinar; o emprego de jogos (a “gameificação”) para a solução de questões; a flexibilização dos horários escolares, sem o espaço clássico da sala de aula; e a adoção do agrupamento dos alunos por talentos, interesses, etc.

Finalmente, caberá à escola nessa nova era muito mais o papel de processar a informação que os alunos obtêm fora do ambiente acadêmico. Assim, os educadores deverão saber orientá-los a analisar, avaliar e sintetizar o conhecimento para a solução de problemas. A combinação da discussão de valores com a utilização de inovações tecnológicas (acervo de aulas, edutecas, etc.) reforçaria a diversidade de modelos, o que favorecerá a adequação às necessidades locais e aos problemas específicos. As coisas podem e terão de ser diferentes na escola, porque as novas gerações demonstram uma avassaladora ânsia de conhecimento.

**Patrícia Lins e Silva é diretora da Escola Parque**



